

O DISCURSO DOS INGRESSANTES NOS CURSOS DE BIBLIOTECONOMIA DE SANTA CATARINA: SUAS MOTIVAÇÕES PARA A ESCOLHA DO CURSO

Daniella Camara Pizarro¹
Gabriella Joana Zorzetto²
Kariane Regina Laurindo³
Keitty Rodrigues Vieira⁴
Orestes Trevisol Neto⁵
Ricardo de Lima Chagas⁶

Resumo: Este artigo objetiva identificar o que motivou os alunos das atuais fases iniciais dos cursos de graduação em Biblioteconomia em Santa Catarina a ingressarem no curso. O estudo foi pensando tendo em vista as comemorações de 50 anos de regulamentação profissional e os 40 anos da Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB). Acredita-se que este é um momento oportuno para se pensar a Biblioteconomia e refletir sobre a identidade profissional do bibliotecário. Apresenta revisão de literatura sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia no Brasil e os fatores históricos que contribuíram para a consolidação deste campo de conhecimento teórico e prático. Enquanto fundamentação teórico-metodológica foram abordadas teorias referentes à construção social da realidade de Berger e Luckmann e as representações sociais de Moscovici. Os procedimentos metodológicos empregados estão voltados para a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), na qual foram coletados discursos, por meio de entrevistas com alunos das primeiras fases dos cursos de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina e da Universidade Federal de Santa Catarina.

Palavras-chave: Estudantes de biblioteconomia - Ingressantes. Cursos de Biblioteconomia - Santa Catarina. Representações Sociais. Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

DISCOURSE OF ENTRANTS IN SANTA CATARINA LIBRARY SCIENCE: YOUR MOTIVATION FOR COURSE SELECTION

Abstract: This article aims to identify what motivated students from current early stages of undergraduate courses in Library in Santa Catarina to join the course. The study has been designed in view of the celebrations of 50 years of professional regulation and 40 of Associação Catarinense de Bibliotecários (ACB). It is believed that this is an opportune moment to think about the Library and reflect on the professional identity of the librarian. It presents literature review on the development of librarianship in Brazil and historical factors that contributed to the consolidation of Theoretical and practical knowledge of the field. While theoretical and methodological foundation theories were discussed concerning the social construction of reality Berger and Luckmann and representations social Moscovici. The methodological procedures used are geared to the technique of "Discourse of the Collective Subject" (DSC), in which speeches were collected through interviews with students from the early stages of Library science courses at the Universidade do Estado de Santa Catarina and the Universidade Federal de Santa Catarina.

Keywords: Library Science Students - Entrants. Library Science - Santa Catarina. Social Representations Theory. Discourse of the Collective Subject (DSC).

¹ Professora do Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Mestre em Ciência da Informação (UFSC). Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: daniellapizarro@hotmail.com

² Graduanda em Biblioteconomia na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: gabriellazorzetto@gmail.com

³ Graduanda em Biblioteconomia na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Endereço postal: Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED / Av. Madre Benvenuta, 2007 - Itacorubi - Florianópolis - SC - CEP: 88.035-001- Brasil. E-mail: gkarianeregina@hotmail.com

⁴ Graduanda em Biblioteconomia na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Endereço postal: Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED / Av. Madre Benvenuta, 2007 - Itacorubi - Florianópolis - SC - CEP: 88.035-001 - Brasil. E-mail: keitty_vieirarodrigues@hotmail.com

⁵ Mestre em Ciência da Informação na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Endereço postal: Campus Universitário, Acesso Trindade, Setor D, Florianópolis/SC - CEP 88040-900 - Brasil. e-mail: orestes_tn@hotmail.com

⁶ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Bibliotecário na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: ricochagas@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

A escolha profissional pode ser permeada por diversas questões, mas principalmente, há motivações pessoais que interferem nessas escolhas e que surgem tanto de vivências anteriores quanto por influência de terceiros. Acredita-se que as demandas do mundo do trabalho, as aptidões e afinidades pessoais influenciam o processo de escolha acadêmico/profissional. No entanto, ao longo do caminho existem limitantes e barreiras naturais do processo de seleção e ingresso ao ensino superior. Nesse caso, nem todas as escolhas e desejos se concretizam, então, surgem novas alternativas que contribuem para a tomada de novos direcionamentos.

Na vasta gama de cursos e profissões, encontra-se a Biblioteconomia, que neste ano comemora 50 anos de regulamentação profissional, sendo inserida no sistema educacional brasileiro há praticamente 100 anos, quando da criação do primeiro curso na Biblioteca Nacional. Ao longo dessas décadas, a realidade do país passou por transformações no âmbito político, tecnológico, social e cultural. Acompanhando essas transformações, os cursos de graduação em Biblioteconomia visam proporcionar ao bibliotecário uma formação que atenda as necessidades sociais no que diz respeito ao acesso, organização e uso da informação e do conhecimento na sociedade.

Ortega y Gasset (2006) aponta que a missão do bibliotecário vai além das ações e decisões do ponto de vista pessoal. Para ele, toda deliberação deve ser baseada a partir de um ponto de vista coletivo e social, quando se trata, principalmente, de um ofício ou uma profissão. Essa missão parte não do homem que exerce, mas da necessidade social a que serve sua profissão, levando em consideração, também, os fatores variáveis, migratórios, evolutivos e históricos inerentes à humanidade.

Em nossa concepção, o bibliotecário tem sua missão profissional voltada para atender as necessidades informacionais, atuando na gestão, organização e difusão da informação, independente do suporte ser digital ou físico. Seu insumo de trabalho é a informação e o bem final é a prestação de serviços que estão direcionados às necessidades informacionais de determinados grupos/comunidades, estejam eles na esfera empresarial, educacional ou sociocultural. E ainda, o bibliotecário a partir de sua atuação pode ser um agente que potencializa a construção do conhecimento ao selecionar fontes de informações, subsidiando o aproveitamento e compartilhando novas informações e experiências, enfim, direciona os indivíduos às informações e serviços desejados.

Diante do que foi exposto até então, nos direcionamos para os alunos ingressantes do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC que se encontram na primeira e segunda fase, a fim de conhecer as motivações que os levaram a cursar Biblioteconomia. Não é objetivo desse estudo encontrar de imediato uma resposta genérica que se aplique a todos os estudantes de biblioteconomia brasileiros, mas sim, identificar o que motivou os alunos das atuais fases iniciais dos cursos de Biblioteconomia da UFSC e UDESC a ingressarem nessa área. Esperamos que o resultado desse estudo tenha a finalidade de instigar o leitor (e os bibliotecários) para futuras discussões e reflexões sobre motivações que levam a escolha do referido curso e também, sobre como tem sido percebida pela sociedade a identidade desse coletivo profissional.

Do nosso ponto de vista, Florianópolis é uma capital privilegiada, pois conta com dois cursos de graduação em Biblioteconomia e dois programas de pós-graduação na área de Ciência da Informação, aspecto que pode contribuir na visibilidade do curso perante a sociedade. Destaca-se ainda que um terceiro curso de Biblioteconomia está em processo de implantação no Estado, sendo ofertado pela UNOCHAPECÓ na modalidade a distância, o curso visa sanar a carência de profissionais na região e sua primeira turma ingressará no primeiro semestre de 2016. Também se encontra em processo de finalização, a segunda edição da especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares, ofertada pelo CIN/UFSC na modalidade a distância. Este curso busca capacitar os profissionais que atuam no âmbito escolar. Tais aspectos refletem uma construção da categoria profissional voltada para o seu processo formativo e educativo.

Ao pensarmos na escolha do tema e dos procedimentos metodológicos empregados neste artigo levamos em conta a comemoração de 50 anos de regulamentação da profissão, como também, os 40 anos de criação da Associação Catarinense de Bibliotecários que possui atuação marcante e direta no fortalecimento e aprimoramento da profissão no Estado. Reitera-se ainda, que a UFSC comemorou 42 anos da existência do curso de Biblioteconomia enquanto a UDESC celebrou os 41 anos da criação do mesmo; representando assim, os alicerces da biblioteconomia catarinense que formam novos profissionais a cada ano. Em suma, o presente estudo reconhece a importância da trajetória bibliotecária e convida os pares a conhecerem o discurso dos ingressantes para assim pensar como a nossa profissão está sendo percebida pelos ingressantes e como os bibliotecários têm construído sua identidade profissional. Os discursos apontados poderão ser usados para planejar ações futuras pela própria ACB visando a divulgação e popularização da profissão, com intuito de instigar o ingresso e formação de novos profissionais.

2 BIBLIOTECONOMIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO

Para se pensar sobre a construção da Biblioteconomia enquanto ciência no Brasil é necessário, primeiramente, levantar fatores históricos que contribuíram para a consolidação desta área do conhecimento como um campo científico. Vários acontecimentos foram favoráveis para que a Biblioteconomia se desenvolvesse e ocupasse um lugar de destaque dentro de uma representação social. Para Russo (2010), pode-se dizer que a Biblioteconomia no Brasil tem início com a fundação das primeiras bibliotecas no País. Estas bibliotecas foram oriundas das ordens religiosas dos Beneditinos, Franciscanos e Jesuítas. No entanto, vale ressaltar que o marco da fundação do campo do conhecimento biblioteconômico no Brasil, atribui-se a criação da Biblioteca Nacional. Esta biblioteca teve origem na Biblioteca Real d'Ajuda, que foi trazida pela Corte Real de Portugal para as terras brasileiras em 1808. No entanto, sua fundação oficial ocorre apenas em 1810.

É na gestão de Benjamin Franklin Ramiz Galvão (1870-1882), que a Biblioteca Nacional realizou o primeiro concurso público para preenchimento de cargos, principalmente de bibliotecários. Capistrano de Abreu, que obteve a primeira colocação para o cargo de bibliotecário, considerava este concurso como o marco inicial da formação em biblioteconomia no Brasil (FONSECA *apud* RUSSO, 2010). Contudo, “[...] para tornar bibliotecário o candidato deveria preencher a condição inicial de ter conhecimento amplo, humanístico, sobre o campo das Artes, Humanidades, Línguas e Ciências” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 15). O enfoque da Biblioteconomia adotado pela Biblioteca Nacional tinha fortes influências da escola francesa, a École Nationale des Chartes.

Com isso, surge o primeiro Curso de Biblioteconomia no Brasil, em 1911, mas por questões políticas e administrativas, somente iniciou suas atividades no ano de 1915. Esse curso oferecido pela Biblioteca Nacional tinha como objetivo sanar as próprias dificuldades da instituição, ou seja, havia uma preocupação em resolver as necessidades organizacionais em detrimento de capacitar pessoal para atuarem em qualquer tipo de biblioteca (CASTRO, 2000). A criação deste curso se deu “através do Decreto 8.835 de 11 de julho de 1911, durante a direção de Manoel Cícero Peregrino da Silva” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 13). É pertinente ressaltar, conforme nos apresenta Russo (2010), que o curso da Biblioteca Nacional continuou a ser ministrado nessa Instituição durante muitos anos até se transformar, em 1979, no atual curso da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

Enquanto no Rio de Janeiro o curso de Biblioteconomia tem ligação e influência da Biblioteca Nacional, em São Paulo o ensino está vinculado inicialmente à Biblioteca Escolar George Alexandre, do Mackenzie (CASTRO, 2000). O Curso Elementar de Biblioteconomia, ministrado no Colégio Mackenzie, em 1936, foi criado por Rubens Borba de Moraes e funcionava inicialmente junto ao Departamento de Cultura de São Paulo, sendo depois incorporado à Escola de Sociologia e Política da mesma cidade (RUSSO, 2010). Segundo Souza (1990), este curso com currículo de duração de um ano é considerado

meramente técnico e apresentava como disciplinas: catalogação, classificação, referência e organização de bibliotecas. Esse viés tecnicista é consequência do pragmatismo norte-americano que influenciava os brasileiros que visitavam ou estudavam naquele País e traziam as ideias para o Brasil. Percebe-se então, que a biblioteconomia brasileira é construída a partir de influência francesa e norte-americana, aspectos ainda presentes no currículo dos cursos brasileiros.

Como forma de atender às exigências do mercado de trabalho, outros cursos de biblioteconomia foram criados além do eixo Rio-São Paulo estendendo-se para outros Estados, rompendo, desta maneira, com o monopólio carioca e paulista no ensino da área. Surgem, neste contexto, os primeiros intelectuais que estabeleceram o *habitus* da Biblioteconomia do Brasil. Pode-se ressaltar que, mesmo com todos os avanços teóricos, metodológicos e práticos, o conjunto das características da atuação do bibliotecário ainda apresenta uma marca muito evidente das concepções desses pioneiros (CASTRO; RIBEIRO, 2004). O fortalecimento do *habitus* científico contribuiu para a criação de eventos com o intuito de trocar experiências com profissionais de todas as regiões.

Os primeiros eventos na área começaram a ocorrer na década de 1950, tais como: a “Conferência sobre o Desenvolvimento dos Serviços de Bibliotecas Públicas na América Latina”, promovida pela UNESCO, em São Paulo, em 1951; a realização do “Primeiro Congresso de Bibliotecas do Distrito Federal”, promovido pela Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro, em 1953; e o “Primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia”, realizado em Recife, em 1954. Esses eventos foram realizados com o objetivo de reunir profissionais para a troca de experiências e influenciou a criação de inúmeras bibliotecas, principalmente no âmbito federal. De certa maneira, esses fatores foram relevantes para o aumento de candidatos interessados nos Cursos de Biblioteconomia (RUSSO, 2010).

Outro fator relevante para a consolidação da Biblioteconomia no Brasil foi a criação das associações de classe que fortaleceu a atuação profissional, conforme nos apresenta Russo (2010, p. 61),

O surgimento das entidades de classe no País, nas décadas de 1950 e 1960, foi marcante para a Biblioteconomia. Foram fundadas, nesse período, instituições como a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (Febab), em 1959; a Associação dos Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), em 1962; e a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESCOLAS DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO (ABEBD), em 1965.

No início do ano 1960, o Brasil já tinha dez cursos de Biblioteconomia em funcionamento. Contagem referente desde o primeiro curso da Biblioteca Nacional até o curso criado na cidade de São Carlos (São Paulo), no ano de 1959. Contudo, o ensino de Biblioteconomia crescia cada vez mais e, no término da década de 1960, o País já contava com dezoito cursos funcionando nos principais Estados. Os cursos estavam instalados, em sua maioria, em universidades federais. É importante ressaltar que, nesta mesma década, dois acontecimentos contribuíram para o fortalecimento do ensino e da profissão de bibliotecário no território nacional. Estes acontecimentos foram: a fixação do Currículo Mínimo do Curso de Biblioteconomia pelo Conselho Federal de Educação (Parecer 326/CFE/62) e a sanção da Lei nº 4.084, de 16 de agosto de 1962, dispondo sobre a profissão e o regulamento de seu exercício (SOUZA, 1990).

“O primeiro curso de mestrado iniciou-se em 1970, no antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação – IBBD, que a partir de 1976, passou a ser chamado de Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia – IBICT” (OLIVEIRA; CARVALHO; SOUZA, 2009, p. 19). Segundo esses autores, a partir da criação do curso de mestrado, a Biblioteconomia passou a ter estreita relação com a recém-criada Ciência da Informação. Com isso, surgiram novas perspectivas e transformações que contribuíram para que a Biblioteconomia, vista como ciência, repensasse seu ensino e suas práticas. Desta maneira, em 1982 é aprovado um novo currículo multidisciplinar, publicado pelo Conselho Federal de Educação, na resolução nº 08/82 que fixa os mínimos de conteúdo e a duração do curso de Biblioteconomia. Esta resolução modificou em 1984, ano de efetiva implantação, a duração do curso de quatro anos e a estrutura curricular.

O ensino de Biblioteconomia em Santa Catarina tem como berço a UFSC, é nessa instituição que a bibliotecária Avalceli Lusa Braga inicia os trabalhos de criação da biblioteca universitária ao pensar na reunião e organização de um o acervo que atendesse os cursos de Filosofia, História, Geografia, Pedagogia, Ciências Sociais, Farmácia, Odontologia, Direito, Contabilidade, Administração, Economia, Engenharia Civil, Elétrica e Mecânica. Formada em Biblioteconomia em 1960 na UFPR e com experiência profissional na antiga biblioteca da faculdade de filosofia, Avalceli é contratada como bibliotecária em 1962 e passa a ocupar o cargo de diretora da Biblioteca Universitária da UFSC (SOUZA et al., 2002).

Com o crescimento da instituição, Avalceli sente a necessidade de formar um corpo técnico de profissionais para atuar na biblioteca central da universidade, visando um aperfeiçoamento dos serviços desenvolvidos. Nesse contexto, em 1965 é criado o primeiro curso intensivo de auxiliar de biblioteca, direcionado aos profissionais que trabalhavam com documentação e livros. Depois dessa experiência e sentindo a necessidade de mais bibliotecários na instituição, Avalceli propõe a criação do curso de graduação em Biblioteconomia. No ano 1973 é criado o curso cuja coordenação fica sob a responsabilidade de sua mentora. Inicialmente o curso funcionava junto ao prédio da atual Biblioteca Central (SOUZA et al., 2002).

O curso também funcionou junto ao prédio de Artes e Comunicação, hoje conhecido como o Centro de Comunicação e Expressão - CCE. Em decorrência da criação do curso, em 1976 foi criado o Departamento de Biblioteconomia e Documentação, vinculado ao Centro Sócio Econômico - CSE e, nesta ocasião, o curso passa a denominar-se Curso de Biblioteconomia. Apenas em maio de 1979, que o departamento foi vinculado ao Centro de Ciências da Educação - CED, onde o curso funciona até o momento. Em março de 1999, com base na resolução nº 005/CUn/1999, passou a existir o Departamento de Ciência da Informação - CIN, que substituiu a denominação anterior do departamento (UNIVERSIDADE... *apud* MENDONÇA, 2010).

Como forma de acompanhar as mudanças sociais, tecnológicos e as demandas de mercado, o curso precisou adaptar-se ao longo de sua história e já dispôs de quatro grades curriculares: de 1973, de 1983, de 1991 e a atual de 2005. O curso de Biblioteconomia da UFSC, conforme seu Projeto Político Pedagógico, apresenta quatro eixos temáticos que norteiam as disciplinas: Fundamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação; Organização e Tratamento da Informação; Recursos e Serviços de Informação; Gestão da Informação. Foi, também, uma contribuição significativa para os avanços da Biblioteconomia no Estado, a criação do Curso de Mestrado em Ciência da Informação, em 2003 (UNIVERSIDADE... *apud* MENDONÇA, 2010).

O curso de Biblioteconomia da UDESC, que funciona até o atual momento na Faculdade de Educação – FAED, foi criado com o intuito de sanar as necessidades de organização das bibliotecas e arquivos existentes no Estado de Santa Catarina. Por isso foi necessário uma qualificação pessoal adequada para modificar essa realidade. O curso foi aprovado em sessão do Conselho Estadual de Educação, de 23 de outubro de 1973, pelo Parecer nº 435/73. O Decreto nº 73.260, de 6 de dezembro de 1973, autorizou o seu funcionamento. Porém, a implantação do curso ocorreu, efetivamente, em 1974 (UNIVERSIDADE..., 2007).

O curso de Biblioteconomia desta Universidade, foi elaborado com base no Decreto nº 550, de 1962, que aprovou o primeiro currículo mínimo para os cursos de graduação em Biblioteconomia do Brasil. Esse currículo tinha como eixo temático norteador: métodos, técnicas e processos de organização documental (CASTRO *apud* UNIVERSIDADE, 2007). O curso, inicialmente, tinha duração de três anos até 1980, quando por questões administrativas, foi retirado do curso de vestibular. No entanto, com a Resolução nº 08, de 29 de outubro de 1982, do Conselho Federal de Educação, houve uma reformulação no currículo mínimo do curso, que passou a ter quatro anos de duração. Este novo currículo oferecia duas áreas de concentração: Bibliotecas Especializadas e Universitárias e Bibliotecas Públicas e Escolares. Com isso, o curso foi reativado na FAED em 1986 (UNIVERSIDADE..., 2007).

As mudanças sociais e a demanda do mercado de trabalho, decorrentes da globalização e dos avanços das tecnologias de informação, principalmente após o ano de 2000, foram fatores que influenciaram e forçaram mudanças curriculares nos cursos de Biblioteconomia no Brasil. Com base nestas mudanças, o curso de Biblioteconomia da UDESC precisou se atualizar e, com isso, “[...] foi criada a Habilitação em Gestão da Informação, com perspectivas de implantação de novas habilitações a longo prazo, se observadas novas tendências teóricas e demandas do mercado de trabalho” (UNIVERSIDADE..., 2007, p. 6). No ano de 2013, iniciou nessa mesma Instituição, o Mestrado Profissional em Gestão da Informação.

Segundo Oliveira, Carvalho e Souza (2009), o surgimento das tecnologias à época e, mais especificamente da Internet, acarretaram mudanças que refletiram no campo da Biblioteconomia, na década de 1990. Com isso, a área que inicialmente centrava-se no objeto documental, passa a ter seu enfoque voltado à informação contida em diversos suportes. De certa maneira houve, também, uma expansão da área de atuação do profissional, levando em consideração o contexto dos usuários para nortear as atividades e a finalidade das bibliotecas. Neste novo contexto, o foco não estava mais centrado na posse e na organização do acervo, mas no acesso à informação. Foi necessário, com isso, adaptações nas escolas de Biblioteconomia para acompanhar as modificações provenientes da Sociedade da Informação. No final dessa década, iniciaram-se discussões visando reformulações condizentes com o contexto atual. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) não mais definiram os conteúdos mínimos, mas por outro lado, definiram as diretrizes para os cursos de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, cursos que formam os profissionais da informação. Estas diretrizes só foram incorporadas nas escolas apenas no século seguinte, mais precisamente, após aprovação em 2001.

Arboit, Bufrem e Kobashi (2011) ao analisar o crescimento quantitativo dos cursos de graduação em Biblioteconomia de 1910 a 2008, entendem que sua emergência reflete a importância dada à informação na atualidade, e que algumas tentativas de mudanças na nomenclatura dos cursos para gestão da informação ou ciência da informação têm como justificativa a busca por uma maior visibilidade profissional perante a sociedade. Nesse sentido, questionamos se a mudança no nome do curso traria maior valorização e reconhecimento da profissão. Ao invés disso, não caberia uma maior adesão de bibliotecários nos espaços políticos proporcionados pelas associações profissionais, nos quais se debateriam estratégias e ações voltadas para o fortalecimento da identidade profissional do bibliotecário?

Lembramos que em Santa Catarina houve uma tentativa de criação do Sindicato. Em relato no II Simpósio Práticas Ético-Profissionais de Bibliotecários e Arquivistas em 2015, a bibliotecária Mirian Mattos fez um breve comentário sobre essa tentativa de implantação em 2010. Ela e outros profissionais iniciaram o sindicato, mas, devido à falta de pessoas para atuarem em conjunto, a continuidade do sindicato não foi mais possível. Então, em 2013 o sindicato foi fechado.

E ainda, ressaltamos que o reconhecimento e identificação profissional estão relacionados ao processo de institucionalização científica do campo, em específico com a dimensão social, pois conforme Whitley (1974) quando uma área encontra-se institucionalizada existe uma clareza da atuação profissional e da importância que ela desempenha na sociedade, assim como, a capacidade coletiva de articulação em torno de entidades associativas e reuniões/eventos profissionais.

Quando da criação dos cursos de biblioteconomia no Estado, seu foco era a formação de profissionais para atuar nas bibliotecas universitárias, públicas e arquivos do Estado. Com o passar das décadas essa demanda foi sendo respaldada, então, começam a surgir outros ramos de atuação voltados para a iniciativa privada. No ramo empresarial o bibliotecário pode trabalhar em bibliotecas especializadas, cartórios, escritórios de contabilidade e de direito, empresas de inteligência competitiva, empresas de gestão da informação e instituições bancárias; as atribuições em cada instituição podem variar e dependem de necessidade internas e da área, isso requer que o profissional esteja qualificado e atento. Além disso, o bibliotecário pode atuar como consultor em pesquisas diversas e na normalização de trabalhos e pesquisas acadêmicas. Ao tratar de consultorias voltadas a serviços de informação, a Resolução nº 042/2002 do Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB (2002, p. 10) explica que,

enquanto “[...] consultor, é responsabilidade do bibliotecário apresentar métodos e técnicas compatíveis com o trabalho oferecido, objetivando o controle da qualidade e a excelência de prestação de serviços durante e após a execução dos trabalhos”.

Mesmo com as oportunidades de atuação do setor privado, a esfera pública continua a absorver parte dos profissionais. Isso fica evidente com o número de concursos públicos federais e estaduais nos últimos anos, devido à expansão do ensino superior no País. De acordo com o site *biblioconcursos.com* (2015), desde 2012 foram detectados pelo menos 16 concursos para bibliotecário em Santa Catarina, entretanto não encontramos outras fontes que fornecessem essa informação de forma precisa.

Destaca-se ainda que o Ministério da Educação – MEC exige que as instituições de ensino superior e institutos de pesquisa contratem bibliotecários, pois é o profissional responsável pelas atividades desenvolvidas nas bibliotecas e centros de informação. As ações do CFB e CRB também contribuem para que as bibliotecas públicas e escolares contem com bibliotecários, nesse sentido, é pertinente frisar a lei 12.244/10 que trata da universalização das bibliotecas escolares nas instituições ensino do País.

Observa-se que antes da referida lei ser sancionada o município de Florianópolis já contava com uma rede de bibliotecas escolares, dispondo também do cargo de bibliotecário. No entanto, no âmbito estadual ainda não existe uma rede e tão pouco o cargo de bibliotecário escolar. Está em tratativa um projeto que visa concretizar o cargo de bibliotecário escolar na rede estadual de ensino, mas para isso se tornar realidade é necessária uma ação coletiva da classe, reunindo diversas entidades, tais como ACB, CRB, UFSC, UDESC, assim como profissionais, docentes e estudantes. Reiteramos aqui a preocupação e a importância de reativar o sindicato de bibliotecários que foi criado em 2010, pois esse pode fortalecer a representação social do bibliotecário.

Atualmente, em Santa Catarina, o mercado de trabalho para o recém-formado em Biblioteconomia tem em suas vertentes como maior atuação do profissional os ramos empresarial, público e o de consultorias, particulares/especializadas, na gestão da informação, como articulador das informações e auxiliando em pesquisas por soluções dentre os tipos de instituições é visto a atuação em cartórios, instituições bancárias, bibliotecas e centro de pesquisas de informação.

A atuação dos profissionais no Estado torna-se cada vez mais efetiva e sólida ao ponto de UFSC E UDESC estruturarem os seus currículos para a demanda que o mercado exige e pesquisadores que se preocuparam com a investigação da atuação profissional na região, portanto, citamos Lucas e Ouriques (2011) que em seu trabalho obtiveram verificar se o curso de Biblioteconomia da UDESC atende às exigências do mercado de trabalho quanto à formação e às competências do bacharel em Biblioteconomia, seguindo a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO. Destacamos também o trabalho de Sales e Silva (2012) que realizou uma pesquisa com bibliotecários atuantes em empresas da Grande Florianópolis. Dentre as empresas que participaram da pesquisa “duas são de economia mista e uma privada, a área de atuação são de registro público, de imóveis e da área hospitalar” (SALES; SILVA 2012, P.412).

Segundo informações do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP, acessadas através do portal do Conselho Regional de Biblioteconomia 6ª Região MG/ES, existem atualmente 39 cursos de Biblioteconomia e/ou Ciência da Informação no Brasil. Estes cursos estão distribuídos entre universidades federais, estaduais e particulares e a maior concentração fica na região Sudeste. Estas informações estão sujeitas a alterações em razão da abertura ou fechamento de cursos ou instituições. Em relação aos programas de pós-graduação em Ciência da Informação, encontram-se vigentes 14 programas, sendo 9 de cunho acadêmico e 3 profissional. Totalizando 14 cursos de mestrado e 9 cursos de doutorado e a maioria destes concentra-se, também, na região Sudeste (CAPES, 2015).

Entendemos que todos esses fatores e acontecimentos apresentados ao longo dessa seção, foram fundamentais na consolidação do ensino de Biblioteconomia no Brasil. Observamos que é através da prática profissional em sua dimensão ética, política e técnica, que o profissional tem condições de suprir eficientemente as necessidades coletivas, e dessa forma, ampliar a visibilidade e o reconhecimento da

categoria profissional junto à sociedade. Contudo, cabe a todos nós, refletirmos algumas questões pertinentes acerca de nossa profissão: Como as dimensões da prática profissional têm sido consideradas nas ações e articulações feitas pelo coletivo profissional? Como os bibliotecários são percebidos pela sociedade? Como os bibliotecários tem motivado e atraído a atenção para o ingresso de novos bibliotecários no mundo do trabalho? Essas questões merecem maior atenção e debates entre os bibliotecários nos órgãos de classe e escolas, uma vez que é através das relações e interações sociais que a realidade é construída, conforme apresentamos a seguir.

3 CONSTRUCIONISMO SOCIAL E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Nesta seção, abordaremos, de forma breve, a construção social da realidade, segundo fundamento teórico de Berger e Luckmann e a Teoria das Representações Sociais, formulada por Serge Moscovici, enquanto fundamento teórico-metodológico para a técnica do DSC. Os aportes teóricos que nos apoiamos para o desenvolvimento do presente trabalho fundamentam a técnica metodologia empregada para coleta e análise de discursos, o Discurso do Sujeito Coletivo.

Antes, pois, evidencia-se que tanto a construção social da realidade e a Teoria das Representações Sociais têm como base epistemológica a fenomenologia. Essa perspectiva versa sobre o estudo dos fenômenos que se manifestam no mundo da vida. Nesse ponto, experiência, vivência e fenômeno se misturam. Assim sendo, os fenômenos estão nas sensações e percepções que precedem as relações entre as pessoas, no âmbito subjetivo (CERBONE, 2013).

Nessa direção, a realidade é interpretada pelos homens de forma subjetiva, dotada de sentido e coerência, na medida em que se tem consciência dos fenômenos. Nessa direção, Berger e Luckmann (2007, p. 14) partilham do pressuposto que “o conhecimento humano desenvolve-se, transmite-se e mantém-se em situações sociais”, ou seja, a realidade é tida como um processo em construção cujos indivíduos interagem socialmente e compartilham um repertório comum de conhecimento.

Pode-se afirmar, então, que a vida cotidiana é construída a partir de processos subjetivos. Em nível intersubjetivo, esses processos são comunicados via linguagem e acabam por se objetivar. Essa objetivação é percebida nas tipificações e esquemas classificadores de objetos da realidade que podem inclusive, transcender as dimensões espaciais, temporais e sociais. Ademais, como frutos dessa objetivação destacam-se a legitimação e institucionalização do conhecimento (BERGER; LUCKMANN, 2007). Dessa forma, os indivíduos desenvolvem e legitimam seus papéis sociais e suas representações como parte de um fenômeno social.

Quando se trata de representações, evidenciamos a Teoria das Representações Sociais na qual Moscovici (2003) entende também, que o conhecimento é fruto da interação social, ou seja, das relações, interesses, desejos e paixões humanas. O autor destaca ainda, que o mesmo é uma consequência e expressão de grupo específico de pessoas que interagem em situações determinadas. Dessa maneira, a expressão de um coletivo enquanto representação social reflete um sistema de valores, ideias e práticas, dentro de uma ordem na qual os indivíduos que pertencem à uma determinada coletividade têm um sentido de orientação para entenderem, transformarem e se manifestarem no mundo material e social (MOSCOVICI, 2003).

Entendemos que uma das vantagens de nos fundamentarmos na teoria citada justifica-se pelo fato da mesma estar inserida no campo da psicologia social e por considerar aspectos que muitas vezes, não são muito reconhecidos pelo meio científico, tais como as diversas racionalidades, subjetivações e experiências do mundo da vida; os quais também são formas de conhecimento e que participam do processo de construção da realidade.

Nesse sentido, quando voltamos nossa atenção para ouvir os discursos de estudantes de Biblioteconomia sobre suas aspirações, necessidades e expectativas relativas ao ingresso no curso, temos uma base para tecermos algumas reflexões sobre a identidade profissional dos Bibliotecários e sobre como ela tem sido percebida e principalmente, construída.

4 PROMOVENDO DIÁLOGOS: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quando se trata de analisar discursos, como é o caso de nossa pesquisa, nada melhor do que promover diálogos e estimular os participantes a se expressarem livremente. Cada fala contém uma riqueza de informações e é a partir da transcrição desses discursos que analisamos as linhas e as “entrelinhas” dos pensamentos contidos nelas. Lefèvre e Lefèvre (2003) esclarecem que um discurso, independente de ser proferido em forma individual ou coletiva, representa pensamentos e opiniões. E ainda, os mesmos autores afirmam que “conceber as representações sociais consiste em entendê-las como a expressão do que pensa ou acha determinada população sobre determinado tema” (LEFÈVRE e LEFÈVRE, 2003, p. 30).

A entrevista é o instrumento mais adequado para coletar os discursos dos participantes da pesquisa, já que nela o pesquisador é o entrevistador e responsável pelo registro das falas, e o entrevistado por sua vez, fica livre para apenas se dedicar a fala. Foi a partir da entrevista que coletamos informações relevantes para conhecermos as representações coletivas dos ingressantes dos cursos de Biblioteconomia de Santa Catarina e para dessa forma, atendermos o objetivo da pesquisa que foi o de identificar o que motivou os alunos das atuais fases iniciais dos cursos de Biblioteconomia de Santa Catarina a ingressarem nos referidos cursos.

Sendo assim, o presente trabalho caracteriza-se como exploratório e descritivo, fazendo uso de uma abordagem qualitativa no qual foi entrevistada uma amostra aleatória total de 31 alunos, sendo 16 alunos do curso de Biblioteconomia da UFSC e 15 alunos da UDESC. Esse número representou aproximadamente 50% dos ingressantes nos cursos em 2015. Ressalta-se que a coleta dos discursos ocorreu no mês de agosto e também, que desses 31 entrevistados, 4 eram homens na faixa de 18 a 38 anos e 27 eram mulheres entre 18 a 54 anos.

A questão apresentada pelo entrevistador ao participante foi a seguinte: “Estamos realizando uma pesquisa para compreender o que motivou a sua escolha profissional. Uma escolha profissional pode ser influenciada por vivências anteriores em bibliotecas, por convivência com bibliotecários, por contato com a área, por vocação profissional ou mesmo por outras situações que, não necessariamente, sejam estas. Em alguns casos, o estudante pode até nem ter tido contato e nem conhecimento sobre a área. Pensando sobre isso, o que te motivou a escolher a Biblioteconomia? Conte sua história”. Optamos por fazer apenas uma questão, pois havia pouco tempo para a entrevista e análise dos dados, já que este artigo foi feito pensando exclusivamente na Temática do Painel de Biblioteconomia de 2015. Por este motivo, fizemos um breve discurso inicial no intento de instigar a fala e memórias do ingressante na hora de responder. Acreditamos que com mais tempo, poderíamos ter desmembrado alguns trechos do discurso inicial em outras possíveis perguntas a serem anexadas.

Em relação à análise dos discursos, optamos por utilizar a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). Esta técnica tem como seus criadores Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, professores da Universidade de São Paulo. Ela visa apoiar o desenvolvimento de pesquisas nas áreas de representações sociais uma vez que por coleta de depoimentos visa resgatar as representações sociais e possibilita, a partir de sua técnica, a construção de um ou mais discursos (ALMEIDA, 2007). Cabe ressaltar que a professora Ana Maria Cavalcanti Lefèvre faleceu no mês de Março deste ano. Graduada em Ciências Biológicas, mestre e doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo, foi criadora além do DSC, dos softwares Qualiquantisoft e Qlqt online. Deixamos registrado aqui, até mesmo como uma singela homenagem a esta mulher que, junto com Fernando Lefèvre, contribuiu para com os avanços científicos em nosso País.

Destaca-se que no DSC, cada conjunto de falas é remetido a uma única fala de um sujeito “coletivo”, a qual se baseia nas mesmas ideias afins manifestadas no decorrer dos discursos de cada sujeito “individual”; ou seja, a partir de vários discursos individuais chega-se em um discurso coletivo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

Após aplicar as entrevistas e transcrevê-las, a análise dos discursos utiliza algumas figuras metodológicas que fazem parte da técnica do DSC, a saber: Expressões-chave (ECH), Ideias Centrais (IC) e Ancoragem (AC). As Expressões-Chave são trechos dos discursos que foram selecionados pelo pesquisador uma vez que estes trechos revelam a essência do que contém no conteúdo discursivo. Já as Ideias Centrais são um nome ou expressão linguística que descrevem e classificam, de forma mais precisa e resumida, o sentido empregado pelo entrevistado em cada resposta. No que diz respeito à Ancoragem, a mesma corresponde à uma expressão de uma dada teoria ou ideologia em que o autor do discurso se apoia para formulá-lo e justificá-lo (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

Por fim, destaca-se que durante a análise das falas dos participantes, as Expressões-Chave são identificadas e agrupadas de forma homogênea e com as respectivas Ideias Centrais; e como consequência desse agrupamento lógico e coerente obtém-se o DSC. Lefèvre e Lefèvre (2003) explicam que o DSC deve ser formulado na primeira pessoa do singular e ainda, deve ser um discurso síntese no qual se reúne as expressões-chave e as ideias centrais semelhantes e, dessa forma, representando uma fala social ou pensamento de um coletivo.

Portanto, tendo em vista a aplicação da referida técnica para organização e análise dos dados do presente estudo, nos deparamos com dois discursos finais que deram origem a dois DSC distintos. Na próxima seção, vamos apresentá-los e analisá-los.

5 O QUE MANIFESTAM OS INGRESSANTES DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA?

Ao aplicarmos a metodologia do DSC obtivemos dois tipos de discursos coletivos distintos, conforme explanamos abaixo.

DSC 1: *O que me motivou a ingressar no curso de biblioteconomia foi o gosto pela leitura, livros, vivências anteriores em bibliotecas e o interesse na gestão da informação. Tive contato com bibliotecários, auxiliares de biblioteca e estudantes que me influenciaram positivamente na minha escolha. Procurei informações sobre o curso de Biblioteconomia e li sua grade curricular. Além disso, as oportunidades de trabalho para o bibliotecário foram atrativas para minha escolha. Por vezes, trabalhei em livraria e bibliotecas. Fui motivado, também, pela questão social da profissão do bibliotecário vinculada à área da educação além da realização pessoal e profissional.*

DSC 2: *Eu escolhi o curso de biblioteconomia como segunda opção porque não consegui ingressar no curso desejado. Então, por influência de familiares, de bibliotecários e pelas experiências de trabalho em livraria e com documentos, acabei me motivando para ingressar no curso de biblioteconomia. Além disso, gosto de ler e do ambiente de bibliotecas.*

De posse dos DSC, conseguimos responder o objetivo deste trabalho uma vez que foi possível identificar as motivações para a escolha acadêmica dos ingressantes. Entretanto, estes DSC carecem maior discussão.

No primeiro discurso percebe-se que a escolha pela biblioteconomia foi primeiramente motivada pelo prazer em ler, o gosto pelos livros e também pelas vivências anteriores em bibliotecas. Nele fica evidenciado, alguns trechos da fala de um dos entrevistados: “*Eu trabalhei durante 5 anos numa biblioteca como auxiliar de biblioteca. E ali eu desenvolvi hora do conto, eu fiz outros projetos na biblioteca e eu fiquei encantada com o trabalho na biblioteca. Eu sempre gostei de ler, de frequentar bibliotecas e livrarias.*”.

O ambiente das bibliotecas também foi muito destacado como algo que motivou os ingressantes entrevistados a optarem pelo curso de Biblioteconomia. Este aspecto fica evidente quando ouvimos a seguinte fala: “*Na hora em que eu saí do ensino médio eu pensei em que curso superior fazer e eu andei*

pesquisando as grades... as grades de horário e... como é que eu posso dizer... as matérias tudo... e Biblioteconomia, por coincidência, já era algo que eu gostava tipo... no sentido de ambiente e tal, [...] por que não fazer, trabalhar com aquilo que eu gosto sabe?”. Neste outro trecho, também é possível destacar a importância do ambiente das bibliotecas para o ingressante entrevistado: “Eu também frequentava muito a biblioteca do [XXXX] que eu fazia cursinho pré-vestibular lá e eu sempre vivia lá. E era um ambiente assim que, eu gostava muito sabe, sempre me sentia muito bem de poder estar ali estudando e adquirindo conhecimento sabe, pra mim”.

Outro fator relevante foi o contato com profissionais da área, que despertaram o desejo de ingressar no curso. Por meio desse contato, também é possível perceber o interesse em conhecer a grade curricular e pesquisar mais a fundo sobre a Biblioteconomia. Temos, como exemplo disto, o entrevistado que menciona: “Daí eu até conversei com a bibliotecária de lá e ela me falou, eu perguntei como é que era e tal, e ela me falou super bem assim. E eu gostei muito disso sabe. E eu me via muito trabalhando numa biblioteca”. E ainda, neste outro relato: “Daí eu comecei a conversar com o pessoal, conversei bastante com essa minha prima [que é bibliotecária], daí ela me contou as funções que ela desempenha e eu fui gostando do curso e daí eu prestei vestibular e passei. Foi assim que eu fui conhecendo o curso.”

Além disso, outro motivo levantado foi devido ao campo de atuação, que não se limita a biblioteca apenas: “Eu fiz outro curso na qual a área que eu atuo é bem frustrante pra mim, que é eletrônica e resolvi fazer outra coisa pra me sentir profissionalmente mais realizada, juntando as coisas que mais gosto, que são os livros, pensei que eu acordando todo dia imaginando que vou para uma biblioteca, eu vou ser muito feliz, então é pelo ambiente de trabalho que tenho muito afinidade, gosto muito. Eu pesquisei, tem bastante área de trabalho o curso, não só na biblioteca, tem bastante área de trabalho e poucos profissionais, isso ajudou a escolher o curso”.

Ademais, no primeiro DSC observa-se que o gosto pela leitura, livros e ambientes de biblioteca são fatores que influenciam para a escolha da área, o que nos leva a pensar, na possibilidade, destas pessoas terem contato durante a sua vida com a leitura, os livros e as unidades de informação. Seguindo essa linha de raciocínio do gosto pela leitura, Silva (2001) afirma que cada um de nós, ao longo do trajeto de vida, desenvolveu uma determinada concepção de leitura em função de práticas e experiências vividas em sociedade. Para ele, essa concepção surge da convivência social, isto é, como fruto da relação de cada indivíduo com os outros e suas relações de experiências dentro das instituições em que o livro e a leitura estão presentes, como a família, a escola e a biblioteca. “Independentemente das condições socioculturais gerais, independentemente das condições específicas de seu público, a ação dessas instituições é capaz de definir os rumos sociais da leitura [...]” (PERROTTI, 1990, p. 67). Portanto, o contato com a biblioteca, enquanto instituição que tem a missão de promover e incentivar o hábito de leitura foi um fator relevante conforme resultado apresentado no DSC1.

O bibliotecário, nesta condição de subsidiar a formação de leitores, deve, preferencialmente, ser ele mesmo um bom leitor. Não pode se basear na eloquência tecnicista e nem na ignorância de conteúdo literário, mas que sua prática esteja engajada no conjunto de interações na promoção do livro, diante da sua missão educativa e social (SILVA, 2001). Nota-se, portanto, que o contato com o profissional bibliotecário também motivou o ingresso no curso. Desta forma, entende-se que o convívio com os profissionais da área e com o ambiente de biblioteca adequado, foram fatores determinantes no gosto pela leitura e pela escolha profissional.

A partir dos dados analisados na pesquisa, chegamos à conclusão que o bibliotecário pode ser um agente motivador e sua conduta em relação à sociedade define como o profissional será visto pelas pessoas. Um bibliotecário interessado, gentil e atencioso sem dúvida ganha a admiração de seus usuários. Essa admiração muitas vezes faz com que estes queiram também seguir a profissão. É notório como o bibliotecário, suas atividades e conduta podem não apenas inspirar na escolha da carreira, mas também transformar vidas. Nessa direção, relatos revelam que a escolha do curso foi motivada pelo profissionalismo de alguns bibliotecários:

“Eu descobri o mundo da leitura relativamente tarde, porque minha família não possuía, não possui ainda esse hábito e eu também não possuía condição de arca com a compra de livros, só que um dia eu me deparei com um livro em uma caixa, esquecido, e me apaixonei... dai a necessidade de outros e a falta de grana, me fizeram começar a frequentar bibliotecas, a partir dos 7, 8 anos. Então eu cresci em meio aos livros de duas bibliotecas, a Biblioteca Estadual X e a Biblioteca do Hospital Y. Nesses dois espaços eu sempre fui muito bem recebida pelas bibliotecárias. Elas observavam minha voracidade e muitas vezes me emprestavam seus próprios livros. Assim, quando eu conclui o ensino médio, eu já tinha absoluta certeza do curso que eu escolheria, que seria biblioteconomia, porque eu me espelhava naquelas mulheres da biblioteca, porque elas que me ofereceram tanto e eu queria retribuir com a sociedade da forma que elas cooperaram comigo”. Neste caso, é possível vermos a influência e o exemplo do bibliotecário como agente ativo e motivador para a escolha do curso de Biblioteconomia. Não só o bibliotecário, mas toda a equipe que trabalha na biblioteca, tornando esse espaço receptivo e acolhedor para seus usuários, não só pelos recursos informacionais que oferece, mas pelo cuidado e capacidade de alteridade que se ter com quem frequenta as bibliotecas.

Em outro relato observamos que o papel social do bibliotecário foi um dos principais motivos para a escolha da graduação: *“Eu acredito que tenha sido a oportunidade de poder ajudar as pessoas a se transformarem e a transformar suas vidas através da educação, porque como a gente sabe a Biblioteconomia ela tem uma relação direta com a educação, e eu acredito que esse seja o caminho assim”.* Sendo assim, é possível refletir como alguns graduandos carregam consigo o papel da profissão para com o desenvolvimento humano da sociedade, e já conseguem perceber a importância do acesso à informação para a construção e a consolidação da cidadania, e como este ofício pode fazer a diferença na sociedade e na construção moral e ética das pessoas.

A diferença mais expressiva entre os dois DSC reside no querer ser bibliotecário por um desejo pessoal aliado a interesses e experiências profissionais manifestados no primeiro DSC. Enquanto o segundo, demonstra que a vontade de ser bibliotecário é secundária e deriva de uma não concretização profissional anteriormente desejada, mas que por algumas influências acaba optando por essa profissão sem que tenha uma certeza de atuar profissionalmente. É claro que em ambos os discursos, o fato de gostar de ler se manifesta, pois essa profissão trabalha com informação e não há sentido organizar e disseminar a informação se essa não for consumida, ou seja, lida e abstraída.

Ainda em relação ao gosto pela leitura, é interessante citar um dos entrevistados em sua fala *“Bom, o que me motivou foi porque eu sempre tive um contato muito bom na escola, no ensino fundamental, no médio com biblioteca. E a bibliotecária era muito atenciosa, então, sempre gostei muito dessa área, mas antes eu nunca tinha pensado em fazer, eu acabei tentando outros cursos, não passei aí eu comecei a trabalhar em uma livraria foi aí que eu tive mais contato com os livros, com editoras, então eu acabei me apaixonando por essa área”.*

No segundo DSC, conforme podemos verificar o gosto por livros e leitura foi apresentado, porém, o que motivou a escolha do curso de Biblioteconomia foi o fato dos entrevistados não conseguirem ingressar na primeira opção desejada. A Biblioteconomia como segunda opção é que direciona este discurso. Um dos entrevistados explica: *“É porque é assim ó, eu gosto bastante de ler né? E eu tinha me inscrito para Direito né? pelo fato de gostar de livros, como eu não passei na primeira opção pra Direito eu botei pra Biblioteconomia pelo fato de me identificar com o curso e tô gostando bastante assim”.*

Outra fala faz menção ao gosto pela leitura e apesar da biblioteconomia ser segunda opção o entrevistado se mostra otimista com a escolha *“Eu gosto muito de ler então não vejo outra coisa pra mim, eu já trabalhei na direção geral do hospital e eu vi que lá mexiam com documentos e é o que quero fazer pra mim. Na verdade eu fiz pra Sistema de Informação... vestibular, eu já tinha visto Biblioteconomia, mas não sei porque não lembrei na hora de fazer, daí eu não passei e peguei as remanescentes e eu não vejo outro curso pra mim, mesmo que eu tivesse passado pra sistemas eu ia trocar pra cá, eu não vejo outra coisa pra mim”.*

Notamos que no segundo DSC o gosto pelos livros e pela leitura também foram fatores importantes para a escolha da área da Biblioteconomia. Afinal, a leitura em uma visão mais ampla, cumpre funções preponderantes na formação do leitor diante das contingências do mundo. A leitura fornece ao leitor novas percepções, atitudes, valores e crenças instituídos socialmente, que influencia nas escolhas e nas ações do indivíduo em sociedade, mesmo que, muitas vezes, não sejam tão conscientes e perceptíveis. Sendo assim o segundo DSC tem em sua estrutura fatos semelhantes ao primeiro DSC, mas nota-se que a escolha da Biblioteconomia ocorreu num segundo momento que surge a partir do não ingresso em outros cursos.

Nota-se, também, que alguns dos que vieram por influência de familiares e amigos realmente não tinham conhecimento sobre a Biblioteconomia o que fica evidente na fala: *“Bom, eu entrei no curso por influência de amigos porque eu tenho bastantes amigos que cursam Biblioteconomia e apesar de nenhum deles ter realmente gostado do curso ou seguido a carreira em si eu fui recomendada a fazer esse curso também por gostar de livros e bibliotecas”* e, também, na fala: *“Eu tava no ensino médio, não sabia muito de opção de curso e aí a minha tia, ela também é formada em Biblioteconomia então eu procurei assim perguntar um pouco pra ela sobre o curso e aí eu achei legal assim.. Porque na verdade também eu queria um curso que não tivesse muita matemática mas fora isso foi assim. E aí eu escolhi o curso...”*

Muitos dos que desconhecem o curso ainda tem com uma visão restrita da atuação do bibliotecário em relação às diversas ambiências que o mesmo pode se inserir, o que fica visível no seguinte relato: *“Aí como não dava pra Pedagogia, eu pensei na História que é uma área que eu gosto e tudo. Só que depois eu resolvi ver o que que era a Biblioteconomia. Porque até então tu não tens uma informação certa né? Bibliotecário.. cuida de biblioteca...”*

Observamos que esses discursos são representações iniciais sobre a profissão e o curso, pois no decorrer da formação suas visões podem ser alteradas em virtude das experiências vivenciadas na universidade e nos estágios. Quando nos voltamos para estes discursos não estamos tendo apenas meras respostas de acadêmicos que recém entraram no universo universitário. É importante nos atermos em alguns questionamentos a respeito de como a imagem do profissional bibliotecário e das unidades de informação são abordadas na sociedade. A imagem do bibliotecário e das bibliotecas são valorizadas a ponto desta profissão e desses espaços serem reconhecidos na sociedade?

O fato de terem surgido dois DSC diferentes é que torna este artigo mais enriquecedor, uma vez que nos instiga a repensarmos a área da Biblioteconomia e ainda, a influência do bibliotecário dentro das unidades de informação e fora dela, enquanto categoria profissional. É nessa diversidade de falas e de olhares que se faz possível uma reflexão sobre as motivações destes acadêmicos entrevistados e que nos permite olhar para nosso passado de modo a fazer ligações com as mudanças ocorridas no curso, no decorrer de seu desenvolvimento curricular e sobre os motivos que levam os ingressantes a escolherem a Biblioteconomia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que pensar sobre os motivos que levam os acadêmicos da UDESC e UFSC a ingressarem nos cursos de Biblioteconomia vai muito além de um simples levantamento de discursos. Quando pensamos nos porquês que os trouxeram até aqui, estamos refletindo não só a concepção que cada acadêmico entrevistado possui do curso de Biblioteconomia, mas também, como nós, bibliotecários enquanto classe profissional e as unidades de informação onde trabalhamos, estamos influenciando as pessoas nas suas escolhas profissionais. Com base nos discursos coletados, ficamos instigados a repensar sobre o modo como o campo da Biblioteconomia está sendo visto na esfera social no que se diz respeito a sua identidade ou visibilidade ao longo destes 100 anos, desde a implantação do primeiro curso no Brasil. Essa visibilidade ou representação no imaginário social cria diferentes percepções que pode motivar cada estudante a ingressar na graduação de Biblioteconomia.

Portanto, descobrir o motivo que trouxe cada aluno para o curso, como apresentado no resultado dos dois discursos citados anteriormente, faz-nos refletir não só como a Biblioteconomia constituiu sua identidade ao longo do tempo, mas principalmente, como sua imagem/identidade é perceptível na sociedade atual. Outro fator de reflexão é como nossos bibliotecários interferem na vida de seus usuários a ponto destes se interessarem pela área e pelo ambiente das bibliotecas. Esses resultados contribuem para levantarmos questões e reflexões em torno do papel do bibliotecário dentro das unidades de informação.

O surgimento de dois discursos tão distintos foi, de fato, algo interessante. É interessante olhar dois pontos de vista diferentes e que convivem numa mesma realidade. Estes são contrapontos que, muitas vezes, o bibliotecário não observa em seu dia a dia e não para pensar sobre como os seus usuários o enxergam e compreendem os espaços das unidades de informação existentes.

A partir disso, podemos nos questionar: Como nós, enquanto categoria, estamos construindo nossa identidade? Como nossa identidade é percebida por quem está de fora e não conhece nada da área? Adianta “mudarmos os rótulos” de bibliotecários para gestores da informação ou cientistas da informação? Que noção a sociedade em geral construiu dos bibliotecários e de sua atuação? Ainda estamos presos num enfoque tecnicista e apolítico ou já entendemos que devemos aprimorar nosso papel social junto a outros profissionais visando uma democratização da educação e cultura? A escolha da Biblioteconomia ainda é muito atrelada ao gosto pela leitura? As vagas oferecidas pelo mercado de trabalho influenciam nesta escolha? Como a imagem do profissional influencia quando o futuro acadêmico vai decidir que curso pretende ingressar?

Se tais questionamentos estiverem presentes no dia a dia quando estamos efetuando nosso trabalho dentro de unidades de informação, quando estamos em salas de aula ou quando conversamos com os pares e demais pessoas, estaremos sendo críticos e perseverantes na construção profissional do bibliotecário. Não há como se ter uma resposta fechada para todas essas perguntas. Estas questões servem para que, cada profissional, possa refletir conosco e ajudar a melhorar cada vez mais nossa área. Enquanto desenvolvemos o artigo desafiamos-nos e debruçamo-nos sobre tais questionamentos, e agora, convidamos você para refletir também e fazer a diferença.

REFERÊNCIAS

ARBOIT, A. El.; BUFREM, L. S.; KOBASHI, N. Y. A institucionalização da Ciência da Informação no Brasil sob a ótica da evolução quantitativa dos cursos de graduação na área. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 21, n. 1, p. 145-158, 2011.

ARRUDA, Â. Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, p. 127-147, nov. 2002.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. *A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento*. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BIBLIOCONCURSOS. Disponível em: <http://biblioconcursos.com.br/sul/>. Acesso em: 10 out. 2015.

CAPES. *Regulação de cursos recomendados e reconhecidos: Ciência da Informação*. Disponível em: <<http://conteudoweb.capes.gov.br/conteudoweb/ProjetoRelacaoCursosServlet?acao=pesquisarIes&codigoArea=60700009&descricaoArea=&descricaoAreaConhecimento=CI%20CANCIAS+DA+INFORMA%20C7%20C30&descricaoAreaAvaliacao=CI%20CANCIAS+SOCIAIS+APLICADAS+I>>. Acesso em: 12 set. 2015.

CASTRO, C. A. *História da Biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus, 2000.

CASTRO, C. A.; RIBEIRO, M. S. P. As contradições da sociedade da informação e a formação do bibliotecário. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 1, n. 2, p. 41-52, 2004.

CERBONE, D. R. *Fenomenologia*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. *Resolução n. 42, de 11 de janeiro de 2002*. Disponível em: <http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Resolucao/Resolucao_042-02.pdf>. Acesso em: 10 out. 2015.

CONSELHO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA (6. Região). *Carreira*. Disponível em: <<http://www.crb6.org.br/carreira.php>>. Acesso em: 10 set. 2015.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. *Discurso do sujeito coletivo*, 2003. Disponível em: <http://hygeia.fsp.usp.br/~flefevre/Discurso_sujeito_coletivo.htm>. Acesso em: 25 jun. 2009.

_____. *Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramento)*. 2 ed. Caxias do Sul (RS): Educs, 2005.

LUCAS, E. de O.; OURIQUES, A. A. Formação e Competências do Bacharel em Biblioteconomia da UDESC: Análise Seguindo a Classificação Brasileira de Ocupações. *Informação & Informação*, Londrina, v. 16, n. 3, p. 166-190, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/8317/10592>>. Acesso em: 10 out. 2015.

MENDONÇA, C. *Um olhar sobre o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina*. 2010. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

MOSCOVICI, S. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, M.; CARVALHO, G. F.; SOUZA, G. T. Trajetória histórica do ensino da Biblioteconomia no Brasil. *Inf. & Soc.: Est., João Pessoa*, v. 19, n. 3, p.13-24, set./dez. 2009.

ORTEGA Y GASSET, José. *Missão do bibliotecário*. Brasília, DF: Brinquet de Lemos, 2006.

PERROTTI, E. *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.

RUSSO, M. *Fundamentos de biblioteconomia e ciência da informação*. Rio de Janeiro: E-papers, 2010.

SILVA, E. T. da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 7. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

SILVA, L. S. da; SALES, F. de. O bibliotecário: atuação profissional em empresas da grande Florianópolis. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, Florianópolis, v. 17, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://revistaacb.emnuvens.com.br/racb/article/view/798>>. Acesso em: 10 out. 2015.

SIMPÓSIO PRÁTICAS ÉTICO-PROFISSIONAIS DE BIBLIOTECÁRIOS E ARQUIVISTAS, 2., 2015, Florianópolis. [*Relatos de experiência profissional*], Florianópolis, 2015.

SOUZA, F. das C, de. *Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação*. Florianópolis: ACB; UFSC-BU, 1997.

SOUZA, I. M. de et al. *Biblioteca universitária da UFSC: memória oral e documental*. Florianópolis: UFSC-BU, 2002. Disponível em <<http://portal.bu.ufsc.br/files/2013/10/Memoria-Bu-UFSC.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. *O ensino de biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Reformulação curricular e projeto pedagógico do curso de Biblioteconomia - Habilitação Gestão da Informação*. Florianópolis, 2007. Disponível em: <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/544/ppc_biblio_2007.pdf>. Acesso em: 01 out. 2015.

WHITLEY, R. Cognitive and social institutionalization of scientific specialities and research areas. In: _____. (Ed.). *Social processes of scientific development*. London: Routledge and Kegan, p. 69-95, 1974.